

O património educativo ao serviço de uma escola alternativa – A Cooperativa A Torre

Joaquim Pintassilgo¹
Alda Namora de Andrade²

Resumo

A Cooperativa A Torre é uma escola privada que foi fundada em 1970, nos anos finais do Estado Novo, por Ana Maria Vieira de Almeida e que vem até à atualidade. A forma peculiar e criativa como a fundadora e os educadores de A Torre se apropriaram de elementos diversos da tradição pedagógica progressista dá a esta escola uma cultura e uma identidade muito próprias. Neste sentido, é nosso objetivo estudar o património educativo desta escola que constitui um verdadeiro testemunho do seu projeto educativo e das pedagogias que aí foram sendo adotadas ao longo das últimas décadas. Serão analisados os materiais didáticos e os equipamentos escolares que foram utilizados como recursos para a aquisição de conhecimento e que impregnaram as vivências escolares, de que são exemplos a imprensa de Freinet, útil para o ensino da leitura e da escrita; a minicalculadora de George Papy, para o ensino da matemática; o mobiliário escolar que, dependendo da tarefa, assim adquiria uma nova função, etc. Debruçar-nos-emos, também, sobre o acervo fotográfico da escola, um importante registo que retrata o uso desse património e as metodologias pedagógicas utilizadas e que permite, também, recuperar o património imaterial da escola como os rituais escolares, as vivências do quotidiano, entre outros aspectos. Tomaremos como hipótese de trabalho, do ponto de vista metodológico, a ideia de que os objetos utilizados na escola decorrem das pedagogias que foram sendo adotadas.

Palavras-chave: Património educativo, escola alternativa, tradição pedagógica progressista, projeto educativo, fotografia escolar.

1. Introdução

Este trabalho insere-se numa das linhas de pesquisa do projeto INOVAR – Roteiros da inovação pedagógica: escolas e experiências de referência em Portugal no século XX – financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/MHC-CED/0893/2014). O projeto iniciou o seu desenvolvimento em maio de 2016 e tem a duração de 3 anos. O Investigador responsável é um dos subscritores deste artigo (Joaquim Pintassilgo) e da equipa fazem parte cerca de duas dezenas e meia de investigadores. Além do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, entidade que serve de sede ao projeto, participam mais três instituições: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Universidade de Coimbra e Universidade do Minho.

O projeto INOVAR tem como finalidade inventariar e caracterizar um conjunto de escolas ou de experiências diferentes ou alternativas (em termos

¹ Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, Portugal, japintassilgo@ie.ulisboa.pt

² Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, Portugal, acandrade@ie.ul.pt

parciais ou globais) em relação à forma ou modelo escolar. Faz parte do nosso estudo um universo muito diversificado de instituições e experiências educativas, mais de duas dezenas, onde estão incluídas tanto escolas públicas como privadas, escolas de “elite” e escolas populares, escolas laicas e escolas confessionais e, ainda, escolas técnicas, artísticas e militares ou experiências, mais ou menos formais, das áreas da “educação especial” ou do “ensino doméstico”, para dar alguns dos principais exemplos.

Propomo-nos, aqui, estudar o caso de uma dessas escolas – A Cooperativa A Torre que foi fundada, em 1970, por iniciativa de Ana Vieira de Almeida coadjuvada por Lígia Monteiro (pedopsiquiatra) e Ana Sofia Monjardino (assistente social).

Destaca-se, na construção deste projeto, a influência mais remota do movimento Educação Nova, designadamente a de Dewey. A presença de Freinet é, igualmente, relevante remetendo-nos para a importância decisiva que as propostas do mestre francês, nomeadamente das suas “técnicas”, tiveram no ressurgimento operado no movimento pedagógico renovador, em Portugal, a partir de meados do século XX. João dos Santos foi, porventura, a figura mais marcante, e verdadeiro pivot, desse movimento, tendo estado ligado ao desenvolvimento de um conjunto amplo de iniciativas. Vygotsky e Bruner surgem, em particular, como expressão da preocupação com a necessidade de uma constante renovação da inspiração teórica destas experiências relativamente aos paradigmas iniciais, representados pela Educação Nova e pela pedagogia Freinet. O enraizamento da Torre na tradição construtivista, designadamente na sua vertente social e cultural, manifesta esse esforço de reinterpretação permanente dos seus fundamentos. Wallon surge como um dos inspiradores do ideal de educação integral que A Torre procura corporizar na sua vontade de integrar harmoniosamente as dimensões cognitiva, afetiva e motora. Finalmente destacamos o casal Papy, Georges e Frédérique Papy, e Matthew Lipman que com os seus programas e métodos têm um papel importante no ensino da matemática e da filosofia com crianças, ainda hoje.

Veremos, seguidamente, ao analisar alguns materiais que fazem parte do património educativo desta escola, de que forma todas estas influências estão presentes.

Ao longo dos últimos anos o estudo do património escolar tem sido uma das linhas de investigação mais desenvolvidas no campo das ciências da educação pelas possibilidades de investigação que oferece, transformando “los objetos, las imágenes, las escrituras y las voces se ha constituido en fuente del nuevo archivo que la arqueología de la educación ha configurado para indagar, desde la perspectiva de la historia material, el campo de la cultura de la escuela” (Escolano Benito, 2012, p. 12).

O património educativo decorre, assim, das práticas, ideias e procedimentos que fazem parte da cultura escolar. Tal afirmação ganha especial relevância nesta escola pelas diversas influências que esta foi sofrendo ao longo dos anos, cada uma delas portadora de novas metodologias e de novos instrumentos e/ou materiais que lhes davam suporte.

2. Espaços e mobiliário escolares

Em 1970, a Cooperativa A Torre começa a funcionar numa vivenda que pertencia à família da sua fundadora na rua D. Cristóvão da Gama, no bairro do Restelo em Lisboa, apenas com uma turma de 35 alunos da infantil. Em 2009 a escola é transferida para a Praça Malaca, também no Restelo, para um edifício da mesma tipologia. Hoje a escola funciona em dois edifícios e acolhe os três níveis de ensino: educação de infância e 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico.

As escolas, segundo Grosvenor e Burke (2008), “are the products of social behaviour. They should not be viewed merely as capsules in which education is located and teachers and pupils perform, but also as designed spaces that, in their materiality, project a system of values” (p. 8). Esta mesma ideia é defendida pelo diretor da Torre quando, em entrevista nos fala sobre a primeira impressão que recolheu do edifício:

(...) enfim, havia uma história desta escola que se desenhava e plasmava pelas paredes das salas e pelos corredores que davam conta de uma vida que para mim era perfeitamente inédita no contexto da escola portuguesa. Nunca tinha conhecido uma escola com este nível de cultura material e onde a vida dos miúdos, o pensamento dos miúdos e a produção deles fosse uma coisa tão espalhada pela própria estrutura da casa, no edifício, no ambiente que ali se vivia (Leitão, 2016).



Figura 1. O edifício da escola A Cooperativa A Torre
Fonte: Arquivo projeto INOVAR

Os **edifícios** desta escola são compostos por dois pisos, em que funcionam as salas de aula, a sala polivalente, a biblioteca, a sala de música, o sótão onde são realizados diversos *ateliers* de artes plásticas, a sala dos professores, a cozinha e o refeitório. Todo o edifício é rasgado por grandes janelas que permitem a entrada de luz natural. As crianças são convidadas a usufruir deste espaço como se da própria casa se tratasse, podendo circular livremente por todo o espaço. Está profundamente enraizada a ideia de que a escola é uma continuidade da casa de cada um; assim se explica que um dos slogans da Torre seja: “*A Torre é a nossa casa*”.

As salas de aula têm uma configuração flexível, isto é, a sua disposição pode ser alterada conforme as necessidades, pretendendo-se que o trabalho cooperativo, um dos pilares deste projeto educativo, seja extensivo também à sala de aula:

Tudo aqui começou com um propósito que era os miúdos nas salas poderem organizar-se de modo cooperativo, desenvolverem um trabalho cooperativo na sua sala de aula. (...) se há algum acontecimento que se passa no quadro, se há um momento da aula que é ali que acontece, então os miúdos devem estar todos virados para o quadro. Fora isso, se estamos a desenvolver outro tipo de trabalho acho preferível que eles possam ver o que estão a fazer uns e outros e portanto a sala deve estar organizada de outra maneira. Se é uma aula como, por exemplo, uma sessão de filosofia em que o que é importante é constituirmos uma comunidade de investigação, então aí, é bom é estarmos todos a olhar uns para os outros e, portanto, temos que estar em roda, tal como nas reuniões de sala. Eu acho que a organização da sala deve ser feita em função do trabalho que se está a implementar. E, portanto, temos mobiliário que é suficientemente flexível para podermos mudar e utilizar com base neste princípio (Leitão, 2016).

O **mobiliário**, que faz parte das salas de aula, é escolhido pela sua funcionalidade e visa promover a autonomia, a criatividade e a interação entre os alunos.



Figura 2. Disposição de sala de aula. s.d.

Fonte: Arquivo da Cooperativa A Torre

Através das fotografias das Figuras 2 e 3 podemos perceber as possibilidades que o mobiliário escolar da Cooperativa A Torre oferece. Não sendo rígido pode servir para momentos de aprendizagem mas também para outros de brincadeira.

Outro exemplo marcante de como o mobiliário pode estar ao serviço de uma pedagogia ativa é o facto de os armários estarem todos ao nível das crianças dando-lhes acesso a todos os materiais sem terem necessidade da intervenção de um adulto, estimulando desta forma a sua autonomia e criatividade.



Figura 3. Crianças a brincar com cadeira escolar. s.d.

Fonte: Arquivo da Cooperativa A Torre

O **recreio** ocupa nesta escola um lugar central. A brincadeira é encorajada pois fornece à criança competências e aptidões que não se conseguem adquirir no espaço da sala de aula. O recreio possui, assim, uma função pedagógica ao desenvolver as competências físicas, cognitivas e emocionais das crianças. É interessante o que nos diz Carlos Neto na sua entrevista quando defende o equilíbrio que existe, neste modelo pedagógico, entre as aprendizagens formais e informais, para demonstrar a relação existente entre o movimento corporal e as outras disciplinas:

[esse artigo] baseado nessas observações de recreio porque as crianças faziam as coisas nas barras com o corpo em perícias diversas e com alguns jogos tradicionais, etc. e depois iam para dentro da sala de aula e faziam com os compassos rosáceas, que com cores ficavam obras-primas. E segundo a nossa interpretação aquilo era, de facto, uma dinâmica emocional que era vivida com o corpo e depois era transposta para o desenho numa dimensão lógico-matemática e essa dimensão, lógico-matemática, baseia-se essencialmente numa vivência do espaço topológico. (...) A matemática começa com o movimento, movimentar o corpo para se aprender. A ideia foi: “aprender a mover o corpo para se aprender” (Neto, 2017).



Figura 4. O recreio. 2018

Fonte: Arquivo da Cooperativa A Torre

Outro aspecto muito importante na pedagogia “progressista” é o colocar a criança no centro das atividades desenvolvidas na escola. Respeitar o seu ritmo torna-se fulcral para que a criança se desenvolva em toda a sua plenitude. Neste projeto pedagógico considera-se que a criança, para ter sucesso no futuro, deve ser munida de capacidade de adaptação e de capacidade criativa cabendo à escola criar as condições adequadas para o seu desenvolvimento. É certo que as aprendizagens são fulcrais no percurso escolar mas não deverão constituir a única preocupação por parte dos professores.

3. Materiais pedagógico-didáticos

Os materiais didáticos assumem um papel central no processo de ensino-aprendizagem tal como é desenvolvido n'A Torre. Entende-se que o aluno não deve apenas memorizar as matérias para em seguida as reproduzir mas deve, através da experiência, refletir sobre elas e apreender o seu conceito. Foi esta ideia que o atual diretor da Torre nos tentou transmitir quando da entrevista que lhe fizemos em 2016:

(...) se eu não der espaço aos miúdos para esta produção de imagem mental para as suas experiências, eu não posso pensar que vou ter um miúdo a pensar criativamente em momento algum da sua vida. Esse é o esforço permanente. Interessa-me mais o modo como eles vão concebendo as coisas, como se vão articulando internamente até construírem significados aceitáveis, do que propriamente dar-lhes soluções acabadas que eles têm que memorizar e replicar porque eles depois não fazem nada com isso a não ser, de novo, replicar. E o que me interessa, como vos dizia, é que eles sejam capazes de transformar significados culturais em significados pessoais porque aí eles mobilizam conhecimentos e põem as coisas em comunicação umas com as outras. E, portanto, têm possibilidade de ampliar a sua consciência dos mesmos objetos porque lhes percebem diferentes ângulos, muitas possibilidades, e outras tantas derivações (Leitão, 2016).

Esta perspetiva pragmática da educação é, também, apresentada por John Dewey, na sua obra *A Democracia e Educação* (1916/2016), quando defende que o saber e o fazer estão intimamente relacionados e que “a educação deve ser concebida como uma contínua reconstrução da experiência, o processo e o objetivo da educação são uma e a mesma coisa” (p. 27). Neste sentido são desenvolvidos diversos “projetos de sala” que têm por base os princípios de aprendizagem ativa, em que através da experimentação e da observação os alunos vão consolidando as aprendizagens.

Tal é feito através de vários materiais didáticos, escolhemos aqui apresentar três dos mais representativos: a minicalculadora usada para o ensino da matemática; o livro da “Pimpa” usado para auxiliar as sessões de filosofia com crianças; o livro “da Rita e do Nuno” usado para o ensino da leitura e da escrita.

A minicalculadora é um instrumento usado no programa de matemática moderna desenvolvido pelo casal belga Georges e Frédérique Papy e que foi implementado na Torre em finais dos 70 e início dos 80. Este programa tem como principal objeto fazer com que as crianças interiorizem o pensamento matemático e as «ideias matematicamente importantes» (Mattos, Roldão & Almeida, 2015, p. 3). A minicalculadora combina o sistema de numeração decimal e o sistema de numeração binário e permite a realização de várias operações matemáticas, nomeadamente adição e subtração e de cálculos mentais complexos.



Figura 5. Minicalculadora

Fonte: Arquivo projeto INOVAR

A Filosofia com crianças representa uma das experiências de inovação mais marcantes de entre as desenvolvidas na Cooperativa A Torre. Este projeto nasceu por iniciativa da sua fundadora, Ana Maria Vieira de Almeida, que, por volta de 1985 tomando conhecimento do método desenvolvido pelo pedagogo americano Matthew Lipman decide implementá-lo na Torre. Este pedagogo produziu vários livros com diversas histórias em que as suas personagens se veem confrontadas com alguns problemas que têm por finalidade promover a discussão filosófica entre as crianças. Uma dessas personagens é a PIMPA, livro utilizado na Torre. O objetivo deste programa é-nos apresentado por David Figueira, professor de filosofia da escola, da seguinte maneira:

(...) a filosofia com crianças não pretende que se aprenda coisa alguma, quando muito que se pense sobre todas as coisas; e, se eu ainda tiver que dizer, começava logo por dizer que as crianças pensem sobre todas as coisas que queiram pensar e que sejam capazes de explicar por que é que pensam dessa forma. (...) as sessões de filosofia servem para que eles exercitem livremente, tal como no recreio com o corpo, dentro dum espaço qualquer ou fora, o ato de pensar sobre coisas que lhes interessam e talvez este seja o outro recreio, o recreio da mente, não o do corpo (Figueira, 2017).

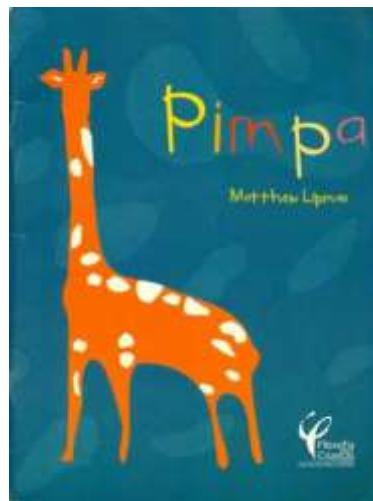


Figura 6. Capa de livro PIMPA de Matthew Lipman
Fonte: Arquivo projeto INOVAR

O ensino da **leitura e da escrita** é feito pelo método das 28 palavras. Este método foi recriado por uma professora da Torre, nos anos 70, e ainda hoje é o método predominantemente utilizado. Trata-se de um método analítico em que as crianças aprendem a ler tendo por base 28 palavras concretas. Parte-se do geral para o particular, ou seja, primeiro é apresentada a palavra, depois é decomposta em sílabas e por fim em letras. As palavras são apresentadas dentro de uma narrativa que tem por protagonistas duas personagens, a Rita e o Nuno. Essa narrativa nasce do diálogo que a professora estabelece com os alunos:

(...) crio uma narrativa que vou contando ao longo do ano, vou-lhe dando sentido, vou dialogando com os miúdos. É neste sentido que dizem que eu criei este método de leitura e escrita (...) fui criativa, se quisermos, para criar a tal narrativa que parte de uma relação muito próxima com os miúdos (...). No fundo não é mais do que eu estar a dar-lhes para ler a própria vida deles. (...) E pensei em como é que eu ia ligar uma coisa que é a descodificação de grafismos e sons se não lhes desse um sentido. A palavra pode ter um sentido extraordinário ligado à vida deles (Carvalho, 2017).

A imagem da Figura 7, de uma parede de uma sala de aula, testemunha os materiais que vão sendo construídos no trabalho do ensino/ aprendizagem da leitura e da escrita através deste método. A representação das palavras nas paredes permite, por um lado, que os alunos as visualizem e por isso as assimilem e por outro, ao representar o que vai sendo dito pelos alunos, pretende valorizar o seu contributo.

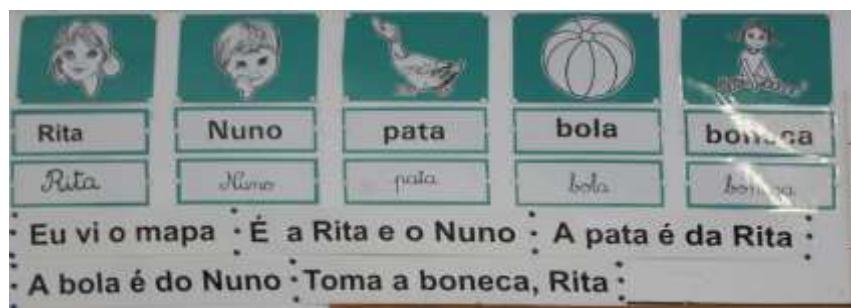


Figura 7. Aspetto de uma parede de sala de aula

Fonte: Arquivo projeto INOVAR

A Torre é uma instituição que rege o seu funcionamento por dois princípios centrais: *o cooperativismo e a democracia*. Procura concretizar, por diversas vias, o ideal do “self-government” teorizado no âmbito da Educação Nova e o cooperativismo escolar, tal como foi pensado por Freinet. A escola é aqui entendida como uma sociedade em miniatura e as formas, mais ou menos extensas, encontradas para a participação dos alunos na vida escolar eram vistas como estratégias que tinham como finalidade a sua formação como futuros cidadãos, desejavelmente participativos e com capacidade para se autogovernarem. O modelo pedagógico d'A Torre implica que o trabalho tem de ser realizado cooperativamente entre professores, alunos e funcionários e a palavra de cada um é entendida como um “direito inalienável”. São vários os espaços em que alunos, professores e funcionários são convidados a discutir e a decidir, por meio de votação, sobre o funcionamento da escola e métodos de ensino. Destacamos aqui o Jornal de Parede e o mapa de tarefas.

O **jornal de parede** é uma técnica herdada da pedagogia Freinet. É feito por sala e é composto por 4 colunas - “acho bem”, “acho mal”, “queremos fazer” e “notícias”. Os alunos são convidados a usar este espaço para anotarem o que consideram que correu bem ou mal, para fazerem sugestões e para partilharem alguma informação. Semanalmente é feita uma reunião onde são discutidos e debatidos os assuntos que apareceram no jornal. Os alunos são levados a refletir, a debater e a chegar a um consenso:

(...) outra coisa extraordinária, que tem a ver com o dar a palavra aos miúdos, há uma liberdade grande para que as crianças falem, para que as crianças digam, para que as crianças contestem, para que tenham espírito crítico, para que as crianças desenvolvam uma capacidade de pensar que nos vai servir para a vida toda e, portanto, perceber a importância do outro, ou seja, de que tudo isso seja no coletivo. Aqui todas as coisas são discutidas, todos os problemas são resolvidos em grupo e os miúdos aprendem essa vivência de grupo e de partilha das coisas, de as resolver em grupo, de as discutir, de as pensarem juntos e de dividir tudo o que precisam de fazer daquilo que é o seu espaço, dividir as tarefas entre eles. É uma escola cooperativa e isso, para mim, é uma base muito importante da pedagogia que esta escola desenvolve (Carvalho, 2017).

Ao mesmo tempo que promove o espírito crítico e a participação democrática junto dos alunos é também um excelente barómetro da vida social da escola.



Figura 8. Jornal de parede
Fonte: Arquivo projeto INOVAR

O trabalho cooperativo é estimulado desde o início do percurso escolar; já na pré-primária os alunos são convidados a assumirem determinadas tarefas que ao longo dos anos vão ficando cada vez mais complexas e responsabilizantes. Como principais instrumentos de apoio à organização do trabalho cooperativo, utilizados pela Torre, podemos destacar o “**mapa de tarefas**” e o “**mapa dos almoços**”. Estes instrumentos pedagógicos visam estabelecer metas comuns e incutir uma responsabilização coletiva para além de uma motivação individual:

A estimulação ativa e permanente que a vida do grupo cooperativo proporciona sob a vigilância de recurso do educador dispensa e condena a competição que impõe a prepotência do mais dotado.

Impõe-se, cada vez mais, definir por todos os meios a inestimável importância do nosso projeto pedagógico: uma gestão humanista dos recursos humanos e materiais da escola – essa nova estrutura de relação no trabalho através da organização crítica (instituinte) dos meios materiais, dos conteúdos, dos processos e das técnicas: O TRABALHO COOPERATIVO (Niza, 2012, p. 67).



Figura 9. Mapa de distribuição das tarefas da limpeza, 2018.
Fonte: Arquivo projeto INOVAR



Figura 10. Mapa de distribuição das tarefas, 2018.
Fonte: Arquivo projeto INOVAR

O “mapa de tarefas” e o “mapa de almoços” consistem num conjunto de tarefas que devem ser realizados por um grupo, que muda semanalmente. Após esse período os alunos fazem, perante todos, uma autoavaliação do seu trabalho, para que, entre todos, percebam o que poderia ser melhorado para um resultado mais satisfatório.

4. Imprensa escolar

A imprensa escolar, fomentada pela pedagogia Freinet e articulada com o texto livre, surgiu, igualmente, como uma forma, ainda que diferente, de participação dos alunos através das suas produções escritas e da elaboração de publicações escolares. Em linha com essa tradição, A Torre possui o seu próprio jornal – o Jornal da Torre – que tem em vista a publicitação dos trabalhos dos alunos e a sua organização para que tal aconteça.

O **Jornal da Torre** mais antigo que existe no arquivo da escola data de dezembro de 1975. É publicado trimestralmente, no final de cada período letivo, sendo a sua extensão muito variável, entre as 9 e as 80 páginas, ao contrário da sua dimensão que se manteve sempre em formato A4. Trata-se de um jornal realizado exclusivamente pelos alunos da escola cujo público-alvo são os professores e funcionários, as famílias e a comunidade envolvente.

Os seus conteúdos podem decorrer das aprendizagens ou trabalhos realizados em contexto de sala de aula ou de iniciativas individuais dos alunos. Inicialmente, os conteúdos do jornal encontravam-se organizados por classe, começando pelos conteúdos criados pelos alunos da infantil, depois pelos alunos do 1º ano, do 2º ano e assim sucessivamente. Em meados da década de 90 começou a ser estruturado de maneira diferente, já não por ano mas por secções divididas por matérias: secção Letras que privilegia o desenvolvimento/aperfeiçoamento da escrita e da criatividade através do texto livre; secção Números que incide sobre a aprendizagem da matemática; secção Ideias dedicada aos conteúdos filosóficos; secção Ciências cujos conteúdos são relativos a temas como a biologia, a zoologia, a mineralogia, a paleontologia, entre outros; secção Expressões em que são apresentadas atividades realizadas no âmbito da música, da motricidade, da dança, da representação, etc.; e secção Contos, espaço do jornal exclusivamente dedicado ao texto livre. Todos os números do jornal terminam com a descrição das diversas atividades realizadas por turma e com os agradecimentos a todos os que de alguma maneira participaram nas atividades da escola.

Ao longo das suas páginas vamos constatando as práticas pedagógicas que foram sendo adotadas e a forma como foram recebidas pelos alunos. Além de ser uma técnica que tem em vista a motivação das crianças, “o Jornal Escolar é um instrumento de informação, suporte de criação, veículo do pensamento, iniciação ao juízo crítico, enfim um verdadeiro auxiliar da ligação da escola à vida, através da família, dos amigos, dos correspondentes, da própria comunidade” (Escola Moderna, n.º 5, 1978, p. 21).



Figura 10. Capa do Jornal A Torre, verão 2007.

Fonte: Arquivo da Cooperativa A Torre

5. Rituais escolares

Ao longo dos anos, e repetidamente, a Cooperativa A Torre foi realizando várias atividades extracurriculares que estando em concordância com o seu projeto pedagógico e educativo se foram sedimentando e hoje fazem parte da sua identidade cultural. Tal é o caso dos acampamentos e das festas escolares.

Nesta escola existe uma grande consciência ecológica e é promovido o contacto e o respeito pela natureza. Uma das formas que a Torre encontrou para fortalecer esta relação foram os **acampamentos** feitos no final do ano, por um período de cerca de uma semana. A vivência destes momentos é recordada pelos antigos alunos de forma entusiástica:

Sim junho, julho normalmente. Eu lembro-me que uma vez fomos para o Porto acampar; isso foi uma grande aventura... era uma tia-avó de um colega nosso que dava aulas numa escola no Porto, ao pé do Porto. E nós fomos e acampámos no jardim da escola dele e depois fomos à feira popular. Era tudo muito mais livre, hoje em dia temos de ter mais... (Aboim, 2018)

“(...) todos os acantonamentos (...) Não consigo de todo esquecer!” (Serra, 2009)

“Lembro-me dos acantonamentos, do orgulho feliz das festas para os pais.” (Nunes, 2009)



Figura 11. Montagem de um acampamento.

Fonte: Arquivo da Cooperativa A Torre

As **festas** são consideradas um momento especial porque permitem reunir toda a comunidade escolar. Estes momentos estão, quase sempre, associados às áreas expressivas, isto porque as atividades desenvolvidas nestas áreas são muitas vezes aí apresentadas. São justamente estas duas dimensões, ou seja a proximidade com a comunidade escolar, nomeadamente com os pais, e as apresentações que eram feitas recorrendo às diversas áreas expressivas, que mais são recordadas pelos antigos alunos:

Fazíamos a festa de final de ano e no Natal fazíamos teatro. Lembro-me que o nosso último foi engraçado, era a partir de quadros, portanto representávamos quadros famosos portugueses, inventávamos histórias à volta dos quadros. Foi interessante. Desde pequenos que fazímos teatro (Carvalho, 2018).

As festas da escola em que fazíamos teatros; fazímos muita coisa com os pais. Fazímos uns bailes e umas brincadeiras [...] e havia umas cantigas que adorávamos cantar e apresentávamos muitas vezes para os pais (Aboim, 2018).



Figura 12. Foto de um teatro na escola.

Fonte: Arquivo da Cooperativa A Torre

6. Considerações finais

Foi nosso objetivo demonstrar o papel central que a materialidade ocupa neste projeto educativo que privilegia do mesmo modo as aprendizagens formais dos alunos e a construção da sua consciência cidadã, razão pela qual tratamos aqui o património material e imaterial da escola. Pretende, ainda, que os seus alunos saibam questionar o mundo que os rodeia, saibam defender as suas ideias de forma coerente, mas que saibam também ouvir as opiniões dos outros; que compreendam que o trabalho cooperativo é mais produtivo e fortalece as relações entre indivíduos e que sejam responsáveis pelas decisões que eles próprios tomam; que desenvolvam simultaneamente capacidades de adaptação e de criação; que adquiram confiança em si mesmos; que consigam ser autónomos nas atividades que empreendem; que se consigam desenvolver, ao mesmo tempo, nos planos físico, intelectual, estético e ético.

Creemos ter deixado claro que os valores em que assenta o projeto educativo d'A Torre, bem como algumas das suas principais opções metodológicas e curriculares, resultam de uma apropriação criativa de algumas das grandes ideias presentes na tradição pedagógica “progressista”, com destaque para os momentos Educação Nova e pedagogia Freinet, sem esquecer contributos mais específicos como a Filosofia com Crianças ou a Matemática Moderna. Essas influências cruzadas permitem compreender a importância que assumem nesse projeto ideias como as relativas ao trabalho cooperativo, à participação democrática, à aprendizagem pela experiência e por projetos ou a centralidade de práticas como a imprensa escolar para não falar da valorização do recreio como espaço educativo no âmbito de um plano de educação integral das crianças e jovens que frequentam esta escola.

Referências bibliográficas

- Burke, Catherine & Grosvenor, Ian (2008). *School*. London: Reaktion Books Ltd.
- Dewey, John (2016). *Democracia e Educación: unha introdución á filosofía da educación*. Tradución de Manuel F. Vieites. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico. (Obra original publicada em 1916)
- Escolano Benito, Augustín (2012). La materialidade de la escuela (a moda de prefacio). In Vera L. Silva, & Marília G. Petry (Orgs.), *Objetos de escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura matéria escolar: Santa Catarina - séculos XIX e XX* (pp. 11-18). Florianópolis: Insular.
- Mattos, Sandra, Roldão, Maria do Céu & Almeida, Laurinda (2015). O ensino da matemática em uma escola portuguesa. *XIV Conferência Interamericana de Educação Matemática*. Colonia Cuauhtémoc, México. Acedido em:
<http://doczz.com.br/doc/54146/educaci%C3%B3n-matem%C3%A1tica-en-las-am%C3%A9ricas-2015>

Niza, Sérgio (2012). O trabalho cooperativo na educação democrática (1979). In António Nóvoa, Francisco Marcelino, & Jorge Ramos do Ó (Orgs.), *Sérgio Niza: escritos sobre educação* (pp. 67-68). Lisboa: Tinta-da-China.

Fontes:

Aboim, Adriana (2018, janeiro, 18). Entrevista, ex-aluna da Cooperativa A Torre.
Carvalho, Ana Isabel (2017, setembro, 26). Entrevista, ex-professora da Cooperativa A Torre.

Carvalho, Vasco (2017, dezembro, 12). Entrevista, ex-aluno da Cooperativa A Torre.

Escola Moderna: Boletim do Movimento da Escola Moderna (1978), 5.

Figueira, David (2017, abril, 27) *Educar para aprender ou para pensar*, Comunicação oral apresentada no Ciclo de Seminários Inovar: A Cooperativa A Torre: A escola como um lugar de vida. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Jornal A Torre, 1975 a 2016.

Leitão, Nuno (2016, julho, 16). Entrevista, atual Diretor da Cooperativa A Torre.

Neto, Carlos (2017, julho, 19). Entrevista, ex-professor da Cooperativa A Torre.